

# **A AMBIGUIDADE DA CONDIÇÃO DA MULHER IDOSA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ ALAGOANO.**

**Lilia Rose Ferreira**

**Izabel Kamylla Barbosa Donato**

**Universidade Estadual de Alagoas**

**[liliabio@outlook.com](mailto:liliabio@outlook.com)**

**[myka.donato@gmail.com](mailto:myka.donato@gmail.com)**

A Condição feminina no Brasil é um tema que vem sendo debatido há muito tempo no meio acadêmico e político, buscando formas de entender a formação da sociedade patriarcal brasileira ao mesmo tempo em que reúne forças para lutar contra a violência da mesma. As lutas anti-racistas que emergiram mais atuantes nas décadas de 1970 e 1980 contribuíram para a organização das mulheres negras surgindo assim, o feminismo negro. O presente trabalho busca apresentar a condição feminina sob uma perspectiva afrorreligiosa e feminista negra, tomando como referência de análise o evento Alegria de Yayá-Encontro Estadual das Yalorixás de Alagoas e as observações feitas dentro dos terreiros. Pretendemos discutir com base nas análises de Ruth Landes, Lélia Gonzalez, Laila Andressa Cavalcante e Rui Póvoas, aspectos históricos, políticos e identitários envolvendo as mulheres idosas dentro e fora dos terreiros de candomblé alagoanos.

Palavras-chave: Feminismo negro, candomblé, mulher idosa.

No campo historiográfico, as mulheres foram invisibilizadas durante muito tempo, a História era produzida por homens e sobre eles. O debate sobre uma História com participação feminina se deu com a terceira geração dos Annales. Segundo Peter Burke, a terceira geração é a primeira a incluir mulheres. (1992) As reivindicações das feministas e a inserção das mulheres nas universidades abriram espaço para se construir uma história contada a partir da visão feminina e sobre ela.

No Brasil, por exemplo, a História das mulheres negras e indígenas era quase nula, até mesmo das mulheres brancas, poucas eram mencionadas nos livros de História como a princesa Isabel, mas isso por exercer um papel considerado significativo, embora que mesmo assim, não houvesse grande interesse em escrever livros sobre a personagem. Recentemente que se começa a tratar das mulheres no campo historiográfico.

Mesmo com os avanços em torno das mulheres, é preciso estar atento sobre as especificidades desses debates e perceber que quem ocupa estes espaços nesse momento, são mulheres brancas e geralmente privilegiadas economicamente. As mulheres negras e indígenas continuam largadas às subalternidades.

Na sociedade ampla brasileira, o homem é tido como líder: no trabalho, no lar, nas academias universitárias, na religião, etc. Entretanto, dentro dessa mesma sociedade há grupos e suas particularidades. O objeto de pesquisa que escolhemos para este trabalho é a *mulher idosa dos terreiros de candomblé alagoanos*. O objetivo é ter uma maior compreensão desse sujeito enquanto membro de uma religião que o tem como liderança e ao mesmo tempo como membro de uma sociedade majoritariamente patriarcal, racista, elitista e intolerante religiosa.

Nosso interesse em desvendar essa incógnita surgiu através da participação do evento na cidade de Maceió-AL, o evento Alegria de Yayá-Encontro Estadual das Yalorixás de Alagoas e as observações feitas dentro dos terreiros, tanto em noites de cerimônia quanto diariamente.

Compreendemos a importância histórica da mulher na formação das religiões afro-brasileiras, sobretudo as anciãs, estas que são detentoras de grande conhecimento sobre o segredo dos orixás, além da grande influência e respeito que as mulheres idosas têm sob seus filhos e filhas de santo. De acordo com essa afirmação Ruth Landes destaca:

“As mulheres conquistaram e mantêm a consideração dos seus adeptos masculinos e femininos pela sua simpatia e equilíbrio, bem como pelas suas capacidades.” (LANDES, 2002, p. 351)

O evento Alegria de Yayá surgiu sob a ideia de prestigiar as mulheres idosas do candomblé alagoano. O evento acontece todo ano em Maceió-AL com o intuito de homenagear as mulheres que já não são mais tão ativas na religião por impedimento de condições físicas causadas pela idade, e mostrar a elas que não foram esquecidas.

Segundo uma entrevista com Yalorixá Jandha Carvalho Yáomídèjí, Yalorixá de terreiro em Maceió, o evento surge para resgatar a memória das mais velhas, para não deixar a tradição sucumbir e incentivar aos mais novos a não abandonar os mais velhos. Vejamos aqui o que Yáomídèji nos tem a dizer:

“É pra incentivar os mais novos a não esquecerem os mais velhos, e não abandoná-los, ao mesmo tempo homenagear as do passado, pra história não morrer. As que foram abandonadas não têm como resgatar, são anciãs, e sim visitá-las e perpetuar a memória! É isso, Alegria que elas tiveram quando receberam as visitas com presentes e carinho. A idealização foi de duas Yalorixás, Mãe Angela e Mãe Zazy, em um momento de nostalgia lembraram-se das suas velhas yás. .Nos primórdios, o candomblé era matriarcal, e com o tempo os Babás foram surgindo, onde predominava a umbanda e o nagô ebá; e

as sacerdotisas, eram chamadas de madrinha. Então, duas Yás separam uma tarde e foram visitar antigas Yás e se deparam com algo que elas não esperavam: o abandono dos filhos com seus anciãos, casas fechadas e a tristeza que elas desabafaram da solidão e houve muito choro, saudades, lembranças da vida na roça, dos itans (história), da convivência e do respeito que havia.” (YÁOMÍDÈJÌ, 2015)

A velhice é um fato inegável e a questão que se coloca é; como a sociedade cuida desse fato? Como cada cultura atua diante desse fenômeno que chega para todos? Na cultura afro-brasileira, especificamente no Candomblé, os idosos e neste caso, as mulheres idosas, recebem um tratamento diferente daquele que é tido muitas vezes fora do ilê. A fala acima da Yalorixá Jandha Carvalho Yáomídèjí evidencia esse cuidado. Pois as mulheres idosas no candomblé possuem um significado contrário daquele que há fora do terreiro. Não quero com isso dizer que, todos os grupos que não pertencem aos de matriz africana não cuidam de seus idosos, mas acrescento novamente que a forma de enxergar a velhice dentro da religião de matriz africana é diferente de como é vista pelos demais setores, o que resulta por vezes em abandono e maus tratos.

Nanã é um orixá feminino mais velho, no que se refere ao tema que está sendo tratada ela é um exemplo dentro da mitologia afro-religiosa que demonstra evidentemente o que queremos dizer quando falamos que à mulher idosa é dado um sentido diferente daquele que há na sociedade ampla.

“Deusa das águas paradas, lagoa onde está todo o profundo mistério do mundo, Nanã é o orixá feminino mais velho e a divindade mais antiga das águas, por isso é tratada carinhosamente de avó, sendo a ela atribuídos a sabedoria, a paciência e o conhecimento do tempo necessário para o amadurecimento de todas as coisas. Nanã é o mistério da vida e da morte, por isso protege os órgãos reprodutores da mulher.” (LARKIN, 2008 )

A sociedade oprime a mulher idosa em diversos aspectos. A perda do que é considerado belo, que não contribui mais para a objetivação sexual masculina. Há um policiamento com relação ao corpo da mulher idosa e até mesmo ao pensamento dela. A sociedade ocidental não admite que uma mulher idosa desfrute de prazeres que geralmente são remetidos à juventude. A imagem popular que se tem de uma senhora idosa geralmente é uma pessoa lenta, que não sente desejos sexuais ou gosta de qualquer outro tipo de diversão. A pessoa idosa é tratada como ultrapassada. Alguns até dizem: já se foi o tempo dela. E neste

caso, é atribuído um tipo de moral a ela. Um exemplo que ocorreu acerca de dois anos que, viralizou nas redes sociais foi o caso da Betty Faria, uma senhora de 72 anos que foi fotografada de biquíni na praia. O caso gerou uma polêmica enorme exibindo comentários que não cabem aqui. Fica evidente diante desse acontecimento o tratamento que é dado as mulheres idosas. Um tipo de inutilidade, como se a mulher fosse obrigada a ser jovem para sempre, pois no caso da mulher, a idade não traz nada de charmoso.

O exemplo citado acima foi de uma mulher famosa e branca. Imaginemos agora o tratamento dado a uma mulher idosa e afro-brasileira. Certamente não é do melhores. Além do sofrimento ao longo da vida tento que matar centenas de leões ao dia para suportar o peso do racismo, machismo, intolerância religiosa, etc. A mulher de Orixá é forte, duas, três, quatro vezes, nem sempre porque é, mas por precisar ser.

Em Alagoas, temos como símbolo de resistência afro-religiosa, de guardiã de memórias e tradição, Tia Marcelina, que foi morta brutalmente em 1912 durante o Quebra de Xangô. Em uma reunião com o Babalorixá Wellington Galdino em Arapiraca-AL, tomei a liberdade de lhe fazer algumas perguntas sobre Tia Marcelina, sobretudo o que ela representa para ele:

“Mesmo após a morte a Tia Marcelina, é um símbolo de resistência, que nos dá força, mesmo nos dias de hoje, mesmo com tantas leis, com o estudo que a gente tem, o pouco que temos, tia Marcelina é um símbolo de resistência, de vida. Tendo hoje, um espaço a mais na sociedade, tendo contato com a educação, mesmo assim, a gente precisa do contato com nosso anterior, da mensagem que o nosso ancestral nos deixou. Tia Marcelina representa a quebra de correntes, da nossa preta velha na senzala, mesmo com tanta corrente com o peso da dor, Tia Marcelina preta velha, a ancestralidade feminina. Tia Marcelina, simboliza resistência, porque a mulher não é esse sexo frágil e sim é forte, porque, quem mais sofreu em muitas histórias, foram as mulheres, as senhoras e sofrem até hoje, tanto pelo preconceito por ser uma mulher, por ser vista como a parte fraca do candomblé, mesmo elas sendo o início de tudo. A mulher é o ventre, a fecundação, procriação, sem a mulher não tem crescimento em nada, sem Oxum que é a senhora da fertilidade, não há a vida, sem Yemanjá, que é o berço de todos os peixes. Então, tia Marcelina para mim é símbolo de resistência, de luta, dessas mulheres sofredoras e fortes” (GALDINO. 2015)

Na citação acima, o babalorixá expõe a importância de Tia Marcelina no imaginário do povo de santo e o indispensável papel que a mulher exerce na religião de matriz africana. Observando na entrevista que a fala é de um jovem babalorixá, logo se percebe que as histórias de luta, resistência, a mitologia dos orixás, é passada de geração em geração e a mulher é quem ocupa esse papel de perpetuar a memória. A intenção deste trabalho é expor a

importância das anciãs no candomblé em Alagoas e a vivência delas enquanto membros de uma sociedade fundamentalista cristã, machista e repleta de desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que buscamos usar esse artigo como base para que sejam desenvolvidas pesquisas mais aprofundadas e que sirvam de contribuição para o povo de santo e toda a sociedade civil.

### **A mulher idosa enquanto pilar dos terreiros de candomblé.**

O que conhecemos sobre memória, não é a das minorias, mas sim do setor dominante da sociedade. O espaço socialmente dado às minorias não as tornam bem vistas perante sociedade. Porém, os povos de santo, foram eficazes na missão de manter a memória dos terreiros viva, através de símbolos e costumes que se perpetuaram até hoje, não obstante, as tradições obtiveram mudanças ao decorrer dos tempos, como uma forma de se adequar as mudanças socialmente impostas. De acordo com Ruy Povoas:

“Uma manifestação concreta nas artes, que extrapolaram os muros do terreiro e caíram no gosto da população, a ponto de muitas coisas se entregarem ao patrimônio nacional, no terreno da escultura, da pintura, da música, da dança, do teatro. Por se trata de uma realidade religiosa, também uma teogonia, uma liturgia e rituais tecem a memória.”  
(POVOAS, 2010)

Diferente das religiões Judaico-cristã, o candomblé dá posição de destaque para as mulheres, cultuando deusas e tendo mulheres como sacerdotisas. A mulher é vista como portadora de memória, pois quando a negra chegou como escrava no Brasil, ocupou locais como cozinheira ou vendedora nos mercados, através dessa abertura ela tinha mais espaço para manter vivos os contos que aprendeu em sua terra, sendo ela vendedora contava para os clientes, sendo ela ama de leite ou cozinheira, contava para seus filhos de leite. Com o fim da escravidão e até mesmo antes, as mulheres tiveram uma ascensão econômica maior que os homens, enquanto não tinha espaço no mercado de trabalho para o homem negro, a mulher vivia das vendas das comidas tracionais africanas, como acarajé, abará, dentre outras.

O dinheiro arrecadado com a venda das comidas servia como forma de comprar a liberdade de seus companheiros e familiares, e foi a partir dessa autonomia econômica da mulher que surgiu os primeiros terreiros de candomblé no Brasil. A partir desse fato histórico, as mulheres tornam-se portadoras e doadoras de memórias africanas no Brasil, segundo os nagôs, é preciso repetir, para que o dito permaneça na lembrança para sempre. (Povoas, 2010. p56).

Os povos africanos conseguiram manter a essência de sua cultura mesmo com todo o sincretismo vivido. Uma prova disso é a mulher ser chefe de um Ilê, mesmo residindo em um país onde o patriarcado prevalece, a mulher é o pilar das religiões afro-brasileiras, ocupando as mais variadas posições hierárquicas, como elas, duplamente oprimidas, por serem mulheres negras e conseguiram ocupar um lugar de destaque em uma casa de santo? (Elida, 2014).

Essa pergunta tem como resposta a caminhada da mulher negra durante a escravidão, o que já ressaltai acima, e também a cosmovisão da mulher na cultura Africana. O arquétipo de mulher enxergado pelos povos africanos é diferente do modo que os ocidentais enxergam, há a mulher guerreira representada por Yansa, há as mães representadas por Oshum e Yemanjá, e há a grande mãe, Nanã, que recebe tal título por ser avó, e para os africanos avó é grande mãe, pois é mãe duas vezes. Como dito anteriormente, a mulher tem o poder da memória e da vida, e principalmente as mulheres idosas, que é o foco deste trabalho, e que nos Orixás é representada por Nanã.

Nanã é a grande mãe, a que tem toda a experiência, inteligência e também obtém o segredo das ervas. Tem o barro como símbolo, segundo a tradição yoruba, o ser humano foi criado do barro, e no final da vida para o barro deve voltar (READER, 2012). Portadora da sabedoria, e com a ajuda da sabedoria de Nanã que Obatalá e Oduduya conseguiram criar os seus semelhantes. Segundo o mito da criação do Aiyê (mundo), o homem só foi criado através da experiência e sabedoria ancestral de Nanã. Vajamos o mito:

“Conta os mais velhos, que um dia, Olodumaré, o controlador de todos os destinos, entendeu de criar o mundo. Chamou Obatalá e mandou que ele fizesse isso. Deu a ele um saco com o sopro da existência e ordenou também que ele criasse o semelhante. Aí, Obatalá desceu para cumprir a ordem de Olodumaré. Mas ele trouxe consigo alguns objetos, até mesmo uma cabaça de vinho. E Obatalá veio por ali, caminhando, caminhando, e antes de achar um ponto de conveniente para criar o mundo, sentiu muita sede e bebeu o vinho. Resultado: ficou bêbado e acabou dormindo. Nisso, Olodumare ficou esperando a explosão, sinal de que o mundo tinha sido criado. E nada. Aí, Olodumaré chamou Oduduya e mandou que ela viesse ver que tinha acontecido. E Oduduya veio. Procura daqui, procura dali, terminou encontrando Obatalá, que ainda estava de sono solto. Quando ela olhou entre as pernas dele, viu o saco de existência assim, largado. Muito curiosa como só ela mesma, pegou o saco devagarinho, devagarinho... quando abriu, tebeiiii!!! Foi aquela grande explosão. Tão grande que o barulho chegou aos ouvidos de Olodumaré no Orun. Com o barulho da explosão, Obatalá acordou atordoado. “O que foi?! O que foi?!” Oduduya explicou

tudo. Aí, eles viram que o Aiyê já estava criado. Então, ficaram sem saber o que fazer. Depois de pensar bem, resolveram voltar ao Orun e contar tudo a Olodumaré. E assim foi feito. Na presença do Dono de tudo, contaram os acontecimentos. Depois de ouvir tudo Olodumaré disse: “Agora, voltem lá, e façam o semelhante”. Voltaram e foram escolher o material para fazer o semelhante. Primeiro fizeram com o ar, mas o semelhante se evaporou. Fizeram outro de madeira, mas ficou muito duro. Fizeram outro de pedra, mas ficou insensível. Fizeram outro de azeite, mas logo derreteu. Fizeram outro de areia, mas logo desmanchou. E ficaram pensando com que material iriam fazer o semelhante, para que tudo desse certo. Acontece que, um pouco mais adiante, Nanã Borocô estava observando tudo, calada. Ela é a mais velha de todas as mães, Senhora da Lama. Então, ela se debruçou sobre a Lagoa da Vida, imensa como o próprio mundo, e apontou seu ibiri para as águas. Retirou do fundo da lagoa um bolo de lama e deu a Obatalá e a Oduduya. Obatalá fez o semelhante com o barro molhado, pingando água e soprou a existência sobre o barro. Oduduya fez a mesma coisa e também soprou a existência sobre o barro. Deu certo: os dois semelhantes viraram gente, homem e mulher.” (POVOAS, 2010)

Diferente do mito da criação das religiões de matriz Judaico-Cristã, o conto Yoruba, demonstra a importância da mulher, dando-lhe protagonismo na criação, não apenas como criada para ser a companheira do homem, mas sim, igual a ele. Além do protagonismo feminino, o mito também trás o poder da vivência, Nanã sendo a mais velha, tem em sua bagagem uma vivência muito grande, e conseqüentemente uma sabedoria que não foi dada aos jovens Oduduya e Obatalá, que tentaram criar o semelhante a partir de todos os materiais encontrados, porém foi à sabedoria da Deusa da Lama, que fez com que a criação fosse possível.

Outro conto yoruba que trata sobre a ancestralidade feminina e a importância da grande mãe para a vida da sociedade, é o mito das Ia Mi Oxorongá, ancestrais femininas, e velhas feiticeiras. Na África, a concepção de sabedoria e acúmulo de poder, só vem com a idade, com a experiência de vida (Ireneia M. Franco, 2008) vejamos o mito:

“Iyami divindade decaída, nossa mãe chamada Odun quando vem ao mundo com o poder sobre os orixás simbolizado por eye (pássaro) ela se torna eleye (proprietário do poder do pássaro). Recebe também uma cabaça (imagem do mundo e repositório do seu poderio). Tendo abusado desse poder perde a cabaça para Orixalá, seu companheiro masculino que veio ao mundo ao mesmo tempo em que ela. Ele exercerá o poder, mas ela conservará o controle.” ( Franco, 2008).

## **A ambiguidade sofrida pelas mulheres idosas do Axé**

Embora as mulheres idosas do candomblé recebam um tratamento de maior atenção dentro do terreiro, é importante lembrar que essas mesmas mulheres estão inseridas numa sociedade opressora. Que enxerga o velho como feio, as pessoas negras e indígenas como objetos e selvagens.

As violências causadas pelo patriarcado atingem a todas as mulheres, mas essa violência se dá de formas diferentes em cada grupo social, não podemos dizer que uma mulher branca de classe média sofra a violência da mesma forma que uma mulher negra e pobre, e então adicionamos mais uma categoria; negra, pobre e candomblecista. Além da violência de gênero, classe social e raça, também o preconceito religioso, que por se tratar de uma religião de matriz africana não se separa da violência racista, uma vez que a estrutura social ocidental, branca e patriarcal tende a demonizar o que for de origem negra.

A mulher no terreiro de candomblé tem um papel indispensável para o prosseguimento da tradição de Orixá no Brasil. Um exemplo disso é o fato de os primeiros terreiros de candomblé serem formados por mulheres. Entretanto, isso não excluiu o fato de homens também poder chefiar terreiros de candomblé, mas a presença feminina até então é predominante.

As mulheres possuem espaço reconhecido nos terreiros de candomblé, de acordo com o que destaca Laila Cavalcante Rosa:

“Conhecimentos são transmitidos pelas mulheres no culto aos orixás e pode-se dizer que, informalmente, ou de maneira não doutrinária, é aprendido pela comunidade religiosa que a figura feminina representa importante papel para a manutenção da tradição de terreiro.” (ROSA, 2005, p.115)

No que se observam as anciãs do candomblé, de acordo com a tradição, sempre terão o cuidado dos filhos de santo, mesmo que nem todos estejam sempre presentes para ajudar, mas haverá sempre por perto alguma filha ou filho de santo para cuidar da pessoa idosa. Em uma entrevista com a Yalorixá Rita Logidã do terreiro Abaça Dãn Orum em Arapiraca-Al, ela pontua:

“Na realidade a gente compartilha de conhecimentos no qual, foram acolhidos e passados dos mais velhos para os mais novos e passando de pais pra filhos, netos, sempre seguindo a hierarquia e



acredito que sim, sempre aproveitando, cuidando. É tanto que quando um pai de uma casa se vai, o mundo é grande né, nós temos uma hierarquia que, aquele terreiro é fechado durante um ano para uma nova reabertura do novo herdeiro. Acredito que sim, aquele filho tem por obrigação talento, amor e carinho de cuidar daquele idoso (...). Tem que mostrar que quanto mais velho aquele babá, aquela Yá, maior o amor e carinho.” (LOGIDÁ, 2015)

No relato acima, a Yalorixá Rita Logidã mostra a importância dos filhos e filhas de santo em cuidar dos Babás e das Yás. Fica evidente também que, quanto mais idosa a pessoa, mas ela deve ser tratada com respeito e carinho.

Iniciamos uma discussão acerca de feminismo negro, traçando uma relação com as mulheres do candomblé, buscando ligar os pontos com o debate inicial que são as mulheres idosas de terreiro. Entretanto, não tivemos a nossa disposição trabalhos teóricos e pesquisas que fizessem diretamente essa ligação, todavia, os trabalhos de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e outras autoras, nos serviram de base para abrir o dialogo e despertar o desejo de ir mais o fundo sobre essas mulheres e suas vidas duplas ou triplas.

Na sociedade fora do terreiro nos deparamos com uma série de opressões que recaem sobre as mulheres afro-brasileiras; machismo, racismo, opressão de classe, etc. Dentre as questões mencionadas Sueli Carneiro coloca:

“Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatra dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? “Fazemos parte de um

contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase:” Exige-se boa aparência.” (CARNEIRO, 2011)

Para fomentar essa discussão, utilizaremos a própria pessoa de Lélia Gonzalez e seus trabalhos teóricos que foram produzidos acima da realidade em que vivia a militante feminista negra e afrorreligiosa, filha de Oxum.

Lélia Gonzalez foi uma grande ativista negra que fez parte do grupo de fundadores do Movimento Negro Unificado. Lélia combatia o racismo junto ao movimento negro, mas dentro do grupo enfrentava o machismo dos companheiros que sufocava as mulheres e

atrapalhava o desenvolvimento pessoal e a militância antirracista das mesmas. Desta forma Lélia aponta:

“Chegou a um ponto que as mulheres passaram a se reunir separadamente para, depois, todos se reunirem numa sala maior, onde se discutia os problemas comuns. É claro que pintou machismo e paternalismo, mas também solidariedade e entendimento. O atraso de alguns manifestou-se num tipo de moralismo calvinista e machista, que caracterizava o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras mais brilhantes; em seus comentários, falavam de mal-amadas e coisas tais (baixaria mesmo). Desnecessário dizer que suas esposas ou companheiras nunca participaram de tais reuniões, na medida em que ficavam em casa cuidando das crianças, da casa etc., o que é sintomático” (GONZALEZ E HASENBALG, 1982, p. 34)

Os primeiros grupos organizados de feministas negras começaram a amadurecer na década de 1980, segundo Núbia Moreira. Denunciando o machismo dos companheiros e dos demais setores da sociedade e combatendo o racismo existente no movimento feminista pelas mulheres brancas. Diante dessa relação entre feministas brancas e mulheres negras, Luiza Bairros nos diz:

(...) questões soavam estranhas, fora de lugar na cabeça da mulher negra (...) falava-se na necessidade de a mulher pensar o próprio prazer, conhecer o corpo, mas reservava-se a mulher pobre, negra em sua maioria, apenas o direito de pensar na reivindicação da bica d' água. (Bairros, 1988 apud DAMASCENO, 2009, p.46)

Após a escravidão os homens e mulheres negras continuaram a ser tratados como mão de obra barata e subalterna. No caso da mulher, além da força de trabalho barata, objeto de reprodução e produção sexual. Ainda segundo Lélia Gonzalez:

“O fruto dessa covarde procriação [dos colonizadores] é que agora é aclamado como o único produto nacional que não pode se exportado: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste “produto” é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante sujo e desrespeitoso.” (GONZALEZ E HASENBALG, 1982, p. 35)

Diversos debates foram pautados dentro e fora do movimento negro. Alguns grupos de mulheres negras foram criados, como exemplo do Nzinga, um grupo de mulheres negra assumidamente feminista com articulação importante de Lélia Gonzalez criado em 1983. O nome foi sugerido por Lélia e segundo ela:

“A escolha do nome Nzinga tem a ver com nossa preocupação de resgatar um passado histórico recalçado por uma “História” que só fala dos nossos opressores. E a famosa rainha Jinga (Nzinga) teve um papel da maior importância na luta contra o opressor português em Angola. E o pássaro que usamos como símbolo tem a ver com a tradição nagô, segundo a qual a ancestralidade feminina é representada por pássaros. E nossas cores têm a ver, o amarelo de Oxum, e o roxo com o movimento internacional de mulheres (GONZALEZ,1994 *apud* VIANA ,2010)

Lélia Gonzalez é um exemplo de que feminismo negro e candomblé se relacionam. O candomblé para Lélia tem a ver com a busca de suas origens, de sua identidade enquanto mulher negra.

“Tive que parar num analista, fazer análise etc. e tal, e a análise nesse sentido me ajudou muito. A partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, como uma formação em Filosofia, transando uma forma cultural ocidental tão sofisticada, claro que não podia olhar como coisas importantes. Mas enfim: voltei às origens, busquei as minhas raízes e passei a perceber, por exemplo, o papel importantíssimo que a minha mãe teve na minha formação.” (PERREIRA E HOLANDA, 1980)

Na entrevista de Lélia Gonzalez, fica evidente a importância da mãe em sua formação e como voltar às origens, como o candomblé a fez refletir sobre isso. É importante ressaltar o poder do candomblé na construção da identidade negra de Lélia Gonzalez e outras mulheres. A intolerância religiosa com as religiões de matriz africana e neste caso, o candomblé, está ligada diretamente com o racismo e sexismo. A ideia de mulheres fundando e liderando casas religiosas e quando essas casas também são de origem negra, essa ideia entra em choque com a concepção judaico-cristã que não possui o mesmo sentido.

Vale destacar, que a violência não possui uma única forma de se concretizar. Além da violência física, temos violência psicológica, abuso sexual, agressões verbais, abuso financeiro ou material, exploração a imprópria ou ilegal e/ou uso não consentido de recursos financeiros de um idoso, negligência, humilhação, etc. O humor tem sido infelizmente também, uma forma de oprimir, o humor não é neutro, assim como a escola não é, dentre outras instituições. Diante disso, a filósofa feminista negra Djamilia Ribeiro nos diz o seguinte:

“É preciso perceber que o humor não é isento, carrega consigo o discurso do racismo, machismo, homofobia, lesbofobia, transfobia. Diante de tantos humoristas reprodutores de opressão, legitimadores da ordem, fico com a definição do brilhante Henfil: “o verdadeiro humor é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime”. (RIBEIRO, 2014)

Piadas são feitas frequentemente com a condição de pessoa idosa, embora muitos pensem que não faz mal, o humor também é uma forma de inferiorizar, de agir com violência diante de alguém em situação vulnerável.

A pobreza é uma causa que diversifica mais ainda as desigualdades sociais, nela a falta de acesso a informação, educação inclusiva, saúde, segurança, emprego, etc. são restritas as que agravam o aumento da violência.

Devemos considerar que, se a violência contra as mulheres é exorbitante na juventude, na velhice ela se intensifica. O Estado de Alagoas é classificado o segundo estado mais violento do país. Verifica-se segundo uma matéria do Jornal Extra de Alagoas:

“Levantamento feito pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) que investigou a omissão do estado brasileiro no enfrentamento da violência contra mulher aponta dados preocupantes em Alagoas. O estado é o 2º no ranking de violência contra a mulher, Maceió a terceira capital que mais mata mulheres e Arapiraca o 5º município com o maior índice desse crime, segundo o Mapa da Violência 2012. Segundo dados da investigação, enquanto a média nacional de mulheres mortas é de 4,6 por 100 mil mulheres, a de Arapiraca é de 21,4 por 100 mil mulheres e de Maceió 11,9 por 100 mil mulheres.”(SALÉSIA, 2013)

Diante dos dados acerca da violência contra a mulher em Alagoas, é preciso refletir sobre a especificidade de ser mulher, idosa, afro-religiosa e pobre em um Estado extremamente violento e carente. O olhar de um feminismo negro sobre essas mulheres é imprescindível para que possamos lutar e conquistar mais avanços sociais. Observar também que há especificidades em cada grupo socialmente oprimido, e reconhecer que as reivindicações e comoções não podem ser seletivas.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS,S.I. A visão do Feminino nas Religiões Afro-brasileiras. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 4, Setembro / 2009.

CARNEIRO, SUELI. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/>

BURKER,P. A Revolução Francesa da Historiografia: Escola dos Annales (1929-1989), 2º ed. Tradução de Nilo Odália. UNESP. 1992.

GONZALEZ, L. HASENBALG, C. Lugar de Negro, Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982.

LANDES, R. Cidade das Mulheres, 2ºed. Tradução de Maria Lúcia Eirado Silva. UFRJ .2002.

LÉLIA, CARLOS, Hasenbalg. Lugar de Negro, Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982.

LIMA, Elida R.S. Mulheres do Axé: a liderança feminina nos terreiros de candomblé, 2014.

LOGIDÃ, R. O feminino no candomblé: depoimento ( 21/09/2015) Alagoas: *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros*. Entrevista concedida a Lilia Rose Ferreira.

GONZALEZ, L. HASENBALG, C. Lugar de Negro, Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982.

GALDINO, W. O feminino no candomblé: depoimento (19/09/2015) Alagoas: *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros*. Entrevista concedida a Lilia Rose Ferreira.

NASCIMENTO, E. L. Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2005.

POVOAS, R.C. A memória do Feminino no Candomblé: tecelagem da memória e padronização do tecido social do povo de terreiro. Ilheus: Editus,2010.

ROSA, L. A. C. Epahei lansã! Música e Resistência na Nação Xambá: uma história de mulheres, 2005.

RIBEIRO, D.T. O verdadeiro humor é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>

SANTOS, Irinéia M.F. Já Mi Oxorongá: as mães ancestrais e o poder feminino na religião africana, 2008.

SALÉSIA, M. Alagoas é o 2º estado no ranking nacional de violência contra a mulher. Disponível em: <http://www.extralagoas.com.br/noticia.materia>

VIANA, Elizabeth.E.S. Lélia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo.

YÁOMÍDÈJI, J, C.O feminino no candomblé: depoimento ( 29/07/15) Alagoas: *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros*. Entrevista concedida a Lilia Rose Ferreira.

